

## Entrevista

Renato Noguera dos Santos Jr. é professor adjunto de Filosofia do Departamento de Educação e Sociedade (DES) do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). É também Pesquisador do Laboratório de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Leafro) e do Laboratório Práxis Filosófica de Análise e Produção de Recursos Didáticos e Paradidáticos para o Ensino de Filosofia (Práxis Filosófica), na mesma instituição. Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é autor de diversos artigos e livros, como *Ensino de Filosofia e a Lei 10639* e *Era uma vez no Egito*, obra infanto-juvenil que trata de filosofia africana antiga e propõe debates e interpretações de textos de filósofos como Ptah-Hotep e Amon-Em-Ope.

**Ensaíes Filosóficos:** Professor Renato Noguera, primeiramente queremos agradecer sua colaboração em conceder-nos essa entrevista. É um prazer poder apresentar aos nossos leitores seus trabalhos e projetos. Para darmos início, gostaríamos que o senhor falasse-nos um pouco de sua trajetória na filosofia.

**Renato Noguera:** Eu tive o primeiro contato com a Filosofia no Ensino Médio quando estudava no Colégio Pedro II; no Ensino Fundamental tinha lido trechos de obras de Marx e Nietzsche na Biblioteca do Colégio. Na Universidade (UFRJ) comecei estudando marxismo; mas, logo no 1º período descobri Schopenhauer – porque um dos meus principais interesses era justamente o sofrimento, as dores do mundo. De qualquer modo, passei a me dedicar a ler a Filosofia de Schopenhauer e acabei fazendo uma monografia sobre contemplação estética, arte e verdade. No mestrado, cursado na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) sob a batuta do saudoso Bento Prado Jr., continuei lendo Schopenhauer e fui refazer sua argumentação crítica em relação ao imperativo categórico kantiano e tomando o pensamento schopenhaueriano como precursor de algumas questões presentes na psicanálise freudiana tais como o Inconsciente. No doutorado (UFRJ) fiz um trabalho articulando Platão, Schopenhauer e Deleuze. Ora, sabendo que Deleuze pouco falou de Schopenhauer, ou só o fez numa ligeira menção ao lado de Guattari em *O que é a Filosofia?*, o desafio foi pensar a filosofia de Schopenhauer de modo deleuzeano. Ou melhor, fazendo, tal como nos diz Deleuze, tomando um filósofo sem repeti-lo; mas, criando conceitos em função de problemas. Neste sentido, retomei a questão formulada por Platão na *República* e

respondi com elementos presentes na Filosofia de Schopenhauer. Mas, logo em seguida já estava voltado para temas como samba, futebol, jongo, capoeira e afins.

**Ensaio Filosófico:** Esses temas surgiram no seu contato com a filosofia africana? No início houve algum tipo de impasse em relação a filosofia ocidental? Como foi a aceitação de seus colegas em relação a uma filosofia que para muitos não existe ou não é considerada?

**Renato Noguera:** Primeiro, o meu contato com a filosofia africana começou cedo, por conta da militância no Movimento Negro, com 21 anos fui bolsista da Fundação Ford e conheci intelectuais afro-americanos que trouxeram ideias que só amadureci anos mais tarde. Segundo, sem dúvida, existe uma tensão que tem relação com a crença, o tabu – publiquei em novembro de 2014 na Revista *Filosofia, Ciência & Vida* o artigo *O Tabu da Filosofia*, onde menciono esse lugar comum, um clichê que faz filosofas e filósofos de todas as “tribos” e “partidos” concordarem. Ora, pragmatistas que em quase nada concordam com filósofas e filósofos da corrente continental especulativa “fecham” juntos quando se trata de dizer que a certidão da filosofia é grega. Eu já ouvi de colegas que esses meus estudos e pesquisas são da ordem do *exotismo*. Os argumentos são os mesmos, o nome “filosofia” é grego; filosofia é só uma forma de pensamento e cada povo tem a sua. Ora, Théophile Obenga, pouco conhecido no meio acadêmico filosófico, é um dos maiores egiptólogos contemporâneos e traduziu inúmeros textos egípcios e observa que a palavra “rekhet” em egípcio antigo remete a mesma coisa que os gregos chamam de filosofia, com um detalhe: os textos egípcios foram escritos dois mil anos antes dos gregos. Enfim, não busco exatamente a “aceitação”, eu persigo que mais pessoas leiam os textos, pesquisem. Uma das dificuldades que encontro é que poucos colegas conhecem esse material, por exemplo: fica difícil debater a respeito da filosofia africana na antiguidade se textos como *A filosofia antes dos gregos*, do português José Nunes Carrera ainda está na sombra. O que dizer dos trabalhos de Obenga, Asante, dos textos egípcios originais traduzidos por Emanuel Araújo e que não entram nos cursos de graduação? De qualquer modo, uma coisa que as pessoas interessadas em filosofia parecem partilhar é a vontade de problematizar e, sem dúvida, a tendência é que mais pessoas questionem a exclusividade dos gregos na antiguidade.

**Ensaio Filosófico:** O senhor fala de uma *afroperspectiva* em filosofia. Em muitos de seus trabalhos você já cita essa expressão. O que podemos entender por *afroperspectiva*? Quais elementos ou conceitos que compõem uma filosofia *afropersectivista*?

**Renato Noguera:** Filosofia Afroperspectivista é um modo de filosofar. As primeiras inspirações teóricas para a construção da afroperspectividade vêm do quilombismo de Abdias do Nascimento, da afrocentricidade de Molefi Asante e do perspectivismo ameríndio de Eduardo Viveiros de Castro. Eu vou pontuar alguns aspectos centrais, repetir o que escrevi no capítulo *sambando para não sambar* do livro *Sambo, logo penso* organizado por Wallace Lopes para explicar o que significa Afroperspectividade ou Filosofia Afroperspectiva:

- Afroperspectividade define a filosofia como uma coreografia do pensamento.
- A filosofia afroperspectivista define o pensamento como movimento de ideias corporificadas, porque só é possível pensar através do corpo. Este, por sua vez, usa drible e coreografias como elementos que produzem conceitos e argumentam.
- Os conceitos afroperspectivistas são construídos a partir de movimentos de coreografia de personagens conceituais melanodérmicos. Neste sentido, os conceitos são escritos com os pés, com as mãos e com cabeça ao mesmo tempo.
- A filosofia afroperspectivista define a comunidade/sociedade nos termos da cosmopolítica bantu: comunidade é formada pelas pessoas que estão presentes (vivas), pelas que estão para nascer

(gerações futuras/futuridade) e pelas que já morreram (ancestrais/ancestralidade).

- A filosofia afroperspectivista é policêntrica, percebe, identifica e defende a existência de várias centricidades e de muitas perspectivas.
- A filosofia afroperspectivista não toma o prefixo “afro” somente como uma qualidade continental; estamos diante de um quesito existencial, político, estético e que nada tem de essencialista ou metafísico.
- A filosofia afroperspectivista usa a roda como método, um modelo de inspiração das rodas de samba, candomblé, jongo e capoeira que serve para colocar as mais variadas perspectivas na roda antes de uma alternativa ser alcançada. A roda é uma metodologia afroperspectivista.
- Afroperspectividade é devedora da filosofia ubuntu de Mogobe Ramose.
- Afroperspectividade define competição como cooperação, isto é, competir [significa *petere* (esforçar-se, buscar) *cum* (juntos)], localizar alternativas que são as melhores num dado contexto, mas, não são únicas, tampouco permanentes e devem atender toda a comunidade.
- Afroperspectividade é devedora do *Nguzo Saba* formulado por Maulana Karenga, isto é, se baseia nos sete princípios éticos que ajudam a organizar e orientar a vida. A saber: Umoja (unidade):

empenhar-se pela comunidade; Kujichagulia (autodeterminação): definir a nós mesmos e falar por nós; Ujima (trabalho e responsabilidade coletivos): construir e unir a comunidade, perceber como nossos os problemas dos outros e resolvê-los em conjunto; Ujamaa (economia cooperativa): interdependência financeira, recursos compartilhados; Nia (propósito): transformar em vocação coletiva a construção e o desenvolvimento da comunidade de modo harmônico; Kuumba (criatividade): trabalhar para que a comunidade se torne mais bela do que quando foi herdada; Irani (fé): acreditar em nossas(os) mestres.

- Afroperspectividade é devedora das reflexões e inflexões filosóficas de Sobonfu Somé, definindo o amor como um projeto espiritual e comunitário que serve para manter a sanidade individual e deve contar com o apoio de uma comunidade para ser preservado.
- Afroperspectividade define o tempo dentro do *itan* [verso] iorubá que diz: “Bara matou um pássaro ontem com a pedra que arremessou hoje”. O tempo não é evolutivo, tampouco se contrai ou pode ser tomado como um círculo ou uma linha reta; mas, de modo simples diz que o passado é definido pelo presente e o futuro é um conjunto de encruzilhadas, isto é, destinos (*odu*).
- Afroperspectividade permanece em aberto, sempre apta a incluir perspectivas que usem o conceito de *odara* como crivo de validade de um argumento, entendendo *odara* como *bom*, na língua ioruba uma espécie de bálsamo de revitalização existencial.

**Ensaio Filosófico:** Como podemos verificar a relação da filosofia com o movimento negro? Quais aspectos epistemológicos da Filosofia Afroperspectivista podem ser trazidos para uma prática sócio-política?

**Renato Noguera:** O encontro entre meus interesses acadêmicos e políticos se deu logo no início da graduação. Aos 18 anos, no ano de 1991, participei do meu primeiro Encontro Nacional da UNE, onde foi realizada uma reunião de estudantes negras e de estudantes negros, a base de um Coletivo em nível nacional. A minha formação política passou, e passa, irremediavelmente pelo Movimento Negro, integrei o Coletivo Nacional de Estudantes Negras e Negros (CENUNN) – um espaço muito importante que nos anos de 1991, 1992, 1993 e 1994 fez intensos debates sobre as cotas raciais para a universidades. O ativismo no Movimento Negro é uma constante na minha trajetória, enquanto ativista eu persigo algumas discussões que não encontro com frequência, colocadas no meio acadêmico filosófico. Ora, nas Ciências Sociais, seja na Ciência Política, na Antropologia ou na Sociologia, encontramos debates em torno do racismo, o mesmo podemos dizer das Ciências Sociais Aplicadas como o Direito e a Economia. Mas na Filosofia isso é pouco frequente. Eu comecei a ler Cornel West e percebi que no pragmatismo estadunidense, afro-americano, existem espaços significativos para tratar de questões raciais. Mas, também percebi que na filosofia contemporânea continental, autores como Foucault e Deleuze também ajudam a pensar relações étnico-raciais, mesmo com as limitações de uma cultura ocidental marcada pela helenofilia – uma exaltação exagerada da suposta primazia grega no campo da filosofia. Porém, quando li pela primeira vez Frantz Fanon, um filósofo martinicano, que escreveu *Pele negra e máscaras brancas* tive noção da dimensão do problema. Ora, o que continuou nítido e retinto com a leitura de textos do filósofo porto-riquenho Nelson Maldonado-Torres que tem o belo projeto em curso chamado *Meditações fanonianas*. Maldonado-Torres traz uma bela leitura, os filósofos ocidentais, mesmo os mais “progressistas” tendem a operar dentro das margens do racismo epistêmico. Por isso, tenho me orientado em torno da Afroperspectividade, ou, como também chamamos, pela Filosofia Afroperspectivista. Em poucas palavras, é preciso uma epistemologia anticolonial, uma epistemologia *afrocentrada*, epistemologias afroperspectivas, ameríndias, indígenas, femininas, infantis que nos forcem a repensar o que somos e como pensamos o que pensamos de maneira mais contundente nas superfícies públicas, nas práticas cotidianas.

**Ensaio Filosóficos:** Em *O Tabu da Filosofia*, na revista *Filosofia, Ciência & Vida*, o senhor coloca uma questão que é muito provocadora: Será que a filosofia nasceu na Grécia? Essa questão parece colocar um tipo de ensinamento da história da filosofia em xeque. Pode falar um pouco mais sobre isso, e também sobre a relação da imposição do nascimento da filosofia na Grécia com o *epistemicídio* das culturas não ocidentais?

**Renato Noguera:** É um assunto de que tenho falado bastante desde o final de 2009, o nascimento da filosofia. Posso reproduzir alguns argumentos, coisa que mencionei no artigo que foi publicado em Novembro de 2014 na Revista *Filosofia, Ciência & Vida*. Ora, defendo que a Filosofia é pluriversal, polirracional e que os gregos não foram os únicos na antiguidade que filosofavam, atribuo isso em boa parte à ignorância a respeito dos textos egípcios, chineses, indianos, ameríndios de maias, astecas e de tantos outros povos que formularam interrogações e reflexões filosóficas consistentes. Os egípcios antigos usavam o termo “*rekh*” para designar um ser humano versado naquilo que o filósofo Ptah-Hotep chama de arte das artes, uma arte cujos limites nunca “podem ser alcançados e a destreza de nenhum ar-tista é perfeita”. O que é corroborado nas Inscrições de Antef, que expõem as características de uma pessoa que é mais “sábia” que o sábio, porque traz de si mesma a sabedoria. Ora, não se trata de um sábio; mas, de uma pessoa que nunca chega à conclusão daquilo que sabe e, por isso, sabe mais que o sábio. A recusa em enfrentar essas questões não é uma atitude filosófica, por isso estou confiante que muitas filósofas e filósofos tendem a investigar essas questões até para reiterar suas crenças de que a filosofia tem certidão grega.

**Ensaio Filosóficos:** Em termos de Brasil, ou melhor, para pensarmos o Brasil, em que sentido a Afroperspectiva pode contribuir?

**Renato Noguera:** Obrigado pela questão, assim como pela entrevista. Então, uma contribuição para pensar o Brasil em termos afroperspectivistas está na mudança das réguas. Eu vou me ater num único ponto. A questão ambiental. Um tema político que envolve toda a sociedade, alguns analistas ambientais criticavam o Rodoanel Mário Covas da cidade de São Paulo porque já tinham avaliado que isso traria impacto para o abastecimento do Estado paulista. Ora, não deu outra, os volumes do Rio diminuíram e alguns paulistas fizeram troça de que era hora de irem para regiões do nordeste. Mas,

em 2014 o rio São Francisco perdeu volume também. A afroperspectiva não é um braço do movimento verde, do ecossocialismo, tampouco do ecocapitalismo. Mas flerta com tecnologias quilombolas e de povos indígenas porque entende que o petróleo é importante, mas a cervejinha de fim de semana da brasileira média é feita de água. Talvez, seja o caso de dosarmos e problematizarmos o que queremos. O modelo desenvolvimentista tem seus limites. O Brasil cresceu e avançou, precisamos de mais universidades; mas elas não podem só reproduzir mais do mesmo. Eu pergunto se não temos nada a aprender com tapajós, kaiowas, ribeirinhos, quilombolas em favor da natureza como um conceito que inclui as pessoas, incluindo seres humanos e animais não-humanos. A afroperspectiva é uma contribuição política para pensarmos o Brasil em outros termos, através de cosmovisões que não são ocidentais. Com efeito, perseguindo um Brasil em que, sem idealizações que vejam a “salvação” em África ou nos povos indígenas, possamos produzir um diálogo mais intenso, abandonando a ideia corrente de que o Ocidente achou as melhores respostas. A nossa ignorância sobre as culturas africana, afro-brasileira e dos povos indígenas tende a ser desafiada para que possamos repensar a nós mesmos e trazer algumas contribuições políticas sem dogmatismo.